

GLOBAL COMPACT ON EDUCATION

Journal

Dicastério para a Cultura e Educação

PORTUGUÊS - março/2024

Lectio do Card. J. T. De Mendonça sobre Educação e GCE, na Fundação Opera Sant'Alessandro em Bergamo

EDUCAR HOJE E AMANHÂ. OS DESAFIOS DA ESCOLA CATÓLICA

Reverendíssimo Monsenhor Francesco Beschi (Bispo da Diocese de Bergamo), Reverendíssimo Reitor Don Emanuele Poletti (Reitor da Opera Sant'Alessandro), Distintas autoridades civis, reitores e coordenadores pedagógicos, professores, alunos, pais e todos os presentes.

Permitam-me, antes de mais, exprimir a minha alegria por estar hoje aqui convosco, para reflectirmos juntos sobre a grande missão educativa que nos foi confiada e, em particular, para reflectirmos sobre a nossa ação educativa no contexto das escolas católicas em que trabalhamos.

De facto, é importante, de vez em quando, parar e refletir sobre o que estamos a fazer, para redescobrir as inspirações fundadoras das nossas accões.

Foi com satisfação que verifiquei que, nos últimos dois anos, iniciaram um curso de formação sobre o tema da identidade católica das vossas escolas, o que vos leva a pôr em evidência o "fio

vermelho" que une todos os vossos projectos educativos e que se relaciona com os valores do Evangelho.

Nesta minha reflexão, por uma questão de praticidade, gostaria de me cingir às cinco questões que me apresentaram na carta-convite e que surgiram repetidamente entre os conferencistas. Desta forma, espero concentrar-me nas questões que são prioritárias para vós.

1. Identidade da escola católica

A primeira questão que levantou diz respeito à identidade e ao papel da escola católica no nosso tempo.

Esta é uma questão central e que abordei em muitas ocasiões durante o meu primeiro ano e meio como Prefeito do *Dicastério para a Cultura e a Educação*. Mas aqui não o faço a um nível geral, mas a um nível particular, centrado na realidade da Lombardia, terra de grande tradição educativa e pastoral. Basta recordar os grandes Santos Pastores a partir de Santo Ambrósio, São Carlos Borromeu, até aos últimos Santos Papas, São João XXIII de Bérgamo e São Paulo VI, protagonistas do Concílio Vaticano que



promulgou a Declaração "*Gravissimum Educationis*" sobre a educação cristã (da qual no próximo ano se celebra o 60º aniversário).

Entre os 22 Santos da Igreja de Bergamo, vários foram educadores. Gostaríamos de mencionar também alguns fundadores de congregações com carisma educativo, como São Girolamo Emiliani (em cujas escolas estudaram Alessandro Manzoni e São Luís Guanella, entre muitos outros), Santa Paula Elisabetta Cerioli (cujo filho Carlo foi o primeiro aluno da vossa escola Sant'Alessandro), São Luís Palazzolo e outros. Esta riqueza pastoral e educativa forjou durante séculos a cultura e a alma do povo da Lombardia e de Bérgamo, fielmente ancorado às suas tradições cristãs.

O contexto, porém, como o senhor deputado salientou, está a mudar radicalmente e, como em muitas outras partes da Europa, a Lombardia está a tornar-se cada vez mais multicultural e caracterizada por uma complexidade do ponto de vista da sociologia do religioso. Penso que precisamente por estas razões é ainda mais urgente a presença da escola católica que, em vários contextos, se torna o último canal de contacto com os jovens de hoje e com

as suas famílias. É necessário que nós, dirigentes e educadores, nos apresentemos com uma identidade clara e não tenhamos medo de oferecer a nossa proposta cristã, sem querer excluir ou condicionar quem pensa de modo diferente. Os pais que inscrevem os seus filhos nas nossas escolas católicas sabem, ou devem saber, que o que estamos a propor é uma educação segundo o estilo e a visão de Jesus, e se não podemos exigir-lhes a adesão à fé cristã, podemos, no entanto, exigir o respeito por ela e afirmar o nosso direito/dever de a propor nas nossas escolas.

A multiculturalidade que caracteriza os nossos ambientes escolares deve ser vista, como repete frequentemente o Papa Francisco, não como um obstáculo, mas como uma possibilidade que abre os corações e as mentes dos nossos alunos (e de nós, educadores) a uma dimensão mundial, ajudando-nos a ultrapassar o localismo subjacente à nossa forma de pensar e de educar. Temos a missão de educar os futuros cidadãos do mundo que, desde os bancos da escola, devem aprender a conviver e a dialogar uns com os outros.

Se tantos alunos e famílias do nosso mundo escolar parecem indiferentes às questões religiosas, isso não é razão para permanecer em silêncio sobre aquilo a que o Papa Francisco chama as "verdades que dão sentido à vida". Podemos e devemos encetar um diálogo aberto com eles sobre questões existenciais fundamentais, como a questão da verdade. Perante o balbuciar dos nossos interlocutores, que andam à procura de respostas para a questão da verdade, propomos com confiança a figura de Cristo, Caminho-Verdade-Vida, porque a procura da verdade da nossa parte é sempre acompanhada pela certeza de que já conhecemos a fonte da verdade, como nos diz São João Paulo II na "Ex corde Ecclesiae" (n.º 1) e nos recorda a Instrução "A identidade da escola católica. Para uma cultura do diálogo" (2022. n. 20).



Esta última 'Instrução' recorda-nos também que a escola católica, embora de inspiração cristã, deve ser uma 'escola para todos, especialmente para os mais fracos' (§22). Há escolas católicas, sobretudo em zonas do mundo islâmico, onde mais de 90% dos alunos não são católicos. Outro facto interessante é que 40% dos alunos das escolas católicas são africanos. Esta multicultural componente multirreligiosa das nossas escolas oportunidade para fazer delas um laboratório de convivência pacífica e de respeito pela diversidade (o subtítulo da Instrução 'A identidade da escola católica' é corretamente: 'Para uma cultura do diálogo'). A Instrução recorda também que, para abrir uma escola católica e para obter e manter o reconhecimento deste título, é necessário o consentimento da autoridade eclesiástica competente, que é o bispo (§56), enquanto a Santa Sé, através do Dicastério para a Cultura e a Educação Católica, terá uma responsabilidade subsidiária, ajudando as escolas católicas a cumprir a sua missão (§65).

2. A centralidade da figura de Cristo na nossa ação educativa.E aqui ligo-me imediatamente à segunda questão que

levantou sobre como Cristo pode ser um ponto de referência para os nossos projectos educativos? Já antecipámos a resposta: a centralidade de Cristo na nossa ação educativa funda-se na verdade de que Ele é o Caminho-Verdade-Vida. Não se trata de um dogmatismo que queremos impor, mas é a razão da nossa vida que queremos propor a todos como um dom. Partir deste pressuposto motiva e orienta o

nosso empenhamento educativo.

Nas nossas escolas, não podemos nunca ignorar a figura de Jesus Cristo, que é central não só na ação pastoral da Igreja, mas também na sua ação educativa. A Instrução sobre a Identidade das Escolas Católicas sublinha que "a ação educativa realizada através das escolas não é uma obra filantrópica da Igreja para apoiar uma necessidade social, mas uma parte essencial da sua identidade e missão" (§10). A identidade da Igreja é o Evangelho e a sua missão é evangelizar. A identidade da escola católica é portanto o Evangelho e a sua missão é evangelizar. Não se trata de fazer proselitismo, mas de propor os valores evangélicos válidos para todos. Nós, cristãos que trabalhamos no mundo da educação, devemos também estar atentos às propostas educativas feitas a nível internacional. Um importante impulso para a reforma educativa foi dado pelo Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI - "Na Educação um Tesouro" - apresentado à Unesco. Este relatório sublinha o papel da educação no desenvolvimento pessoal e social e na construção de relações entre indivíduos, grupos e nações. Este relatório lança os quatro famosos e bem sucedidos pilares da educação que devem inspirar as reformas escolares e os currículos de formação de professores para o terceiro milénio: 1) aprender a conhecer; 2) aprender a fazer; 3) aprender a ser; 4) aprender a viver em conjunto com os outros. O relatório sublinha igualmente a ideia da educação ao longo da vida.

Os planos educativos das nossas escolas católicas baseiam-se na declaração conciliar "*Gravissimum educationis*" (1965) e no mais recente "*Pacto Global* para a Educação" (2019). O Papa Francisco, num encontro sobre o Pacto Educativo Global, aponta também 4 princípios da educação: "O princípio fundamental do 'conhece-te a ti mesmo' sempre guiou a educação, mas é necessário não negligenciar outros princípios essenciais: 'conhece o teu irmão', para educar na aceitação do outro (cf. Irmãos todos; Documento sobre a fraternidade humana, Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019); "conhece a criação", para educar para o cuidado da casa comum (cf. Enc. Laudato si') e "conhece o Transcendente", para educar para o grande mistério da vida. Trata-se de uma formação integral que se resume no conhecimento de si mesmo, do irmão, da criação e do Transcendente". "Conhecer o Transcendente"

traduz-se nas nossas escolas católicas em conhecer Jesus Cristo, que para nós não é um extra opcional ou uma proposta entre muitas, mas é a figura central da nossa ação educativa.

3. Professores

Passemos agora ao terceiro tema que propôs, que diz respeito aos professores das escolas católicas. O pedagogo Giuseppe Vico, da Universidade Católica de Milão, já tinha avisado há vários anos que a crise da educação tem raízes profundas na cultura contemporânea e é também uma consequência da crise dos educadores. Vico caracterizou a era contemporânea como a era do "deserto ontológico". do "eclipse da razão", entendido como a falta de educação para o pensamento autónomo, para os valores e para a afetividade. As ideologias substituíram a racionalidade do indivíduo; a ciência não se ocupa dos problemas últimos e supremos, não tem nada a dizer sobre a "miséria da nossa vida" e o sentido da existência humana. A ciência não se ocupa da questão da verdade, mas apenas do que é útil, aqui e agora, questionando as dimensões transcendentais da vida. Isto conduziu a uma horizontalização da existência, a um fechamento dos horizontes de liberdade e de verdade estreitados na angústia da vida empírica, a uma "crise dos fins" que é sintoma da crise da ética e da tentativa de anulação da metafísica. A racionalidade é reduzida à sua expressão matemática. Com a "morte de Deus" tudo

A pedagogia, face às ideologias, não foi capaz de desenvolver ideias fortes sobre a relação verdadeliberdade, mas foi vítima da ignorância dos fins, ou da falsa ideia dos fins. Foi assim que, após a Segunda Guerra Mundial, passámos da ditadura ao consumismo. Criou-se uma sociedade sem horizontes significativos e a educação não conseguiu opor nada às novas ideologias: apenas o silêncio. A crise era ética. Uma "ética da mudança", capaz de ultrapassar os preconceitos da pós-modernidade e de limitar o domínio e a violência da tecnologia, torna-se hoje mais urgente. É necessário que a racionalidade volte a ser crítica, superando o ceticismo, para encontrar novas razões. Do mesmo modo, a pedagogia deve ser capaz de apresentar novos projectos educativos guiados por ideais fortes, para fazer ressurgir a questão da verdade e repropor a questão dos fins da educação. A crise dos fins está ligada à crise dos educadores que não são animados por ideais fortes, não se interrogam seriamente sobre a questão "porquê viver" e não têm nada pelo qual valha realmente a pena dar a vida.

se torna possível, e de facto tudo foi possível.

Basta lembrar Franz Kafka, cujo centenário de morte ocorre este ano: os seus romances são uma metáfora do paradoxo e do absurdo da vida do homem contemporâneo. A pedagogia não se pode resignar a esta lógica e apoiar a ideia de uma educação desprovida de grandes ideais. Um princípio fundamental da educação é aquele lançado pelo Papa Francisco: "Conhecer o Transcendente, educar para o grande mistério da vida". O Santo Padre recorda o dever dos educadores de transmitir as verdades que dão sentido à vida.

4. As motivações espirituais do nosso trabalho

Como quarto ponto, pergunta-me: "Quais são as motivações espirituais que alimentam o nosso trabalho?

Penso que as principais motivações podem ser encontradas numa "teologia da educação" que procura combinar as dimensões das ciências pedagógicas com os ideais educativos que encontramos na Sagrada Escritura. Convido-vos, pois, a uma formação contínua ("aprendizagem ao longo da vida") que alimente não só a vossa preparação científica, mas também a dimensão espiritual e teológica da educação. Não esqueçamos que a nossa não é apenas uma profissão, mas sobretudo uma missão. A teologia da educação servos-á de grande ajuda tanto nas escolas como na pastoral universitária.

Outra "motivação" igualmente válida para alimentar o nosso trabalho é, na minha opinião, a lançada pelo Papa Bento XVI e retomada com força pelo Papa Francisco da "Via pulchritudinis": educar para a beleza é uma das formas mais elevadas e estimulantes de educar.



Numa mensagem dirigida aos jovens, por ocasião de um encontro sobre o Pacto Educativo Global, o Papa Francisco convida-os a entrar num "Pacto Global de Beleza". Gostaria de citar algumas passagens intensas desta mensagem que considero muito motivadoras para o nosso trabalho educativo: "Queridos jovens, deixai emergir a vossa beleza! Não a que está de acordo com as modas do mundo, mas a verdadeira. Num mundo sufocado por tanta feiúra, que tragam aquela beleza que sempre nos pertenceu, desde o primeiro momento da criação, quando Deus fez o homem à sua imagem e viu que ele era muito belo. Esta beleza deve ser difundida e defendida. Porque se é verdade, como disse o Príncipe Myškin em O Idiota de Dostoiévski, que a beleza salvará o mundo, devemos estar vigilantes para que o mundo salve a beleza. Para isso,

convido-vos a celebrar um "pacto global de beleza" com todos os jovens do mundo, porque não há educação sem beleza. "Não se pode educar sem induzir a beleza, sem induzir o coração à beleza. Forçando um pouco a questão, atrever-me-ia a dizer que uma educação não é eficaz se não souber criar poetas. O caminho da beleza é um desafio que deve ser enfrentado". Estas palavras dirigem-se também a nós, educadores: não se pode educar sem induzir a beleza. O Papa continua a sua mensagem especificando para que tipo de beleza devemos educar: "A beleza de que estamos a falar não é aquela que se inclina sobre si mesma, como Narciso que, apaixonado pela sua própria imagem, acabou

por se afogar no lago onde se reflectia. Estamos a falar daquela beleza que nunca desaparece porque é o reflexo da beleza divina: o nosso Deus é inseparavelmente bom, verdadeiro e belo. E a beleza é um dos caminhos privilegiados para chegar até Ele".



O Papa diz que "uma educação não é eficaz se não souber criar poetas", e por poetas entende os artistas de todas as artes e não apenas da palavra. A vossa terra de Bérgamo é berco não só de grandes pastores e educadores santos, mas também de grandes artistas, e bastaria mencionar apenas alguns nomes, como o pintor Michelangelo Merisi, conhecido como Caravaggio, o músico Gaetano Donizetti, o escultor Giacomo Manzù, o realizador de cinema Ermanno Olmi, etc. As nossas escolas católicas deveriam aprofundar o conhecimento da espiritualidade subiacente às obras destes artistas, que pode certamente tornar-se motivo de um itinerário educativo muito fecundo e um estímulo para a emergência de novas sensibilidades artísticas entre os nossos alunos. Do mesmo modo, deveríamos encorajar o desenvolvimento de itinerários artísticoeducativos que ajudem a descodificar o património artístico para ensinar as crianças e os jovens a apreciar a arte e o património cultural, incluindo o património religioso.

5. Grandes desafios

A última questão que colocou diz respeito à forma de enfrentar o grande desafio do Pacto Educativo Global do Papa Francisco. Lançado pelo Papa em 2019, o PGE é um grande projeto ainda em fase de crescimento e desenvolvimento, que já despertou a nível mundial, um despertar de atenção para as grandes questões da educação. O Papa Francisco pressentiu que o mundo mudará através da educação, mas primeiro é necessário mudar a educação. De uma educação baseada na ideia de competitividade e excelência para poucos, para uma educação baseada na ideia de solidariedade e excelência para todos. É por isso que o Santo Padre convidou todos os que trabalham no mundo da educação e da cultura a formar uma aliança global para educar as jovens gerações na fraternidade universal. Como enfrentar este grande desafio? Abracando-o com entusiasmo e estudando-o em pormenor para o aplicar na sua própria escola ou organização educativa. Aos jovens da JMJ de Lisboa, o Papa Francisco disse: "Convido-vos a estudar o Pacto Educativo Global e a apaixonarem-se por ele" e, por isso, também eu levanto este convite do Papa a todos vós: Estudem o Pacto Educativo Global e apaixonem-se por ele, descobrirão como será uma oportunidade extraordinária para a renovação das

vossas escolas e da vossa missão educativa. Para alcançar o objetivo da fraternidade universal, o Papa Francisco indica os sete caminhos em que todos nos devemos empenhar: colocar a pessoa no centro da nossa ação educativa; escutar as novas gerações para não desenhar projectos educativos segundo as nossas visões que não correspondem às dos nossos destinatários; promover a presença das mulheres não só no número de alunos, mas também no número de dirigentes e professores nas várias organizações educativas; responsabilizar a família, tornando-a consciente de que ela é a primeira educadora dos seus filhos; abrir-se ao acolhimento, sobretudo dos mais frágeis, para que ninguém fique de fora; estudar novas formas de entender a economia, a política, o desenvolvimento e o progresso ao serviço da humanidade e, finalmente, cuidar da casa comum com políticas sérias e escolhas mais ecológicas.

Dois anos depois do **Pacto Educativo** do Papa Francisco, a Unesco lança em 2021 o novo **Contrato Social para a Educação**, que retoma muitos dos temas do *Pacto Global para a Educação*, como a educação segundo os princípios da cooperação e da solidariedade, a atenção à ecologia, a valorização dos professores, a inclusão, a equidade e o envolvimento de todos na construção do futuro da educação.

Em pormenor, o recente relatório da Unesco, intitulado "Re-imaginar o nosso futuro em conjunto: um novo contrato social para a educação", indica as áreas de ação imediata: 1) Transformar a pedagogia através da cooperação e da solidariedade, abandonando os modos pedagógicos e os métodos de avaliação baseados na exclusão e na competição individual e favorecendo abordagens cooperativas e solidárias na aprendizagem. 2) Redefinir a relação conhecimento educação, е ultrapassando a visão tradicional dos currículos como uma mera lista de disciplinas, dando ênfase à ecológica, aprendizagem interdisciplinar intercultural. 3) Reconhecer o papel crucial dos professores que terão de trabalhar em equipa, em rede com outras organizações educativas. 4) escolas. adaptando-as Redesenhar as necessidades específicas е aos individuais. 5) Expandir o conceito de educação como um processo que tem lugar em múltiplos locais e fases da vida (aprendizagem ao longo da vida e em todo o ciclo de vida).

Conclusão

Para concluir, caros educadores, quero agradecervos pelo trabalho que realizais na diocese através das vossas numerosas escolas católicas. Através do convite do **Pacto Educativo Global, o** Santo Padre convida-vos a fazer coro, a trabalhar em rede, a tornar-vos um interlocutor significativo no território em que trabalhais, num diálogo constante com as realidades educativas e sociais presentes. Não esqueçam que o maior tesouro que temos para oferecer é Jesus Cristo que disse "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (*Jo* 14,6).

Bergamo, 23-3-2024

Cardeal José Tolentino de Mendonça Prefeito do Dicastério para a Cultura e Educação ■

CULTURADIACONIA. OPORTUNIDADES PARA A IGREJA DE AMANHÃ

(Da folha de apresentação)

O conceito de Diaconia Cultural (Gotthard Fuchs) ou Diaconia da Cultura (Ludwig Mödl) é largamente mal compreendido. Isto cria espaço e uma necessidade de interpretação: Que conceito de cultura deve ser aplicado na Igreja (Católica) para ser compreendido e aceite como uma parte significativa de uma sociedade moderna e vibrante? Como é que o Evangelho, a mensagem do Reino de Deus e a cultura contemporânea podem unidos de modo a que a vida, o espaço e o ambiente possam moldados de forma significativa e humana?

Estas questões, aqui discutidas, estão intimamente ligadas aos actuais esforços de reforma da Igreja.

As contribuições de José Tolentino, do Cardeal Calaça de Mendonça, de Gianfranco Ravasi, de Wolfgang Beck, de Ralph Bergold, de Reinhold Bernhardt, de Friedrich M. Ebertz, de Friederike Dostal, de Marc Grandmontagne, de Bernhard Kirchgessner, de

Stefan Klöckner, de Jakob Johannes Koch e de Ludwig Mödl questionam a compreensão da Igreja sobre cultura e diaconia, tentam definir o conceito de diaconia cultural e identificam os seus problemas.

Abordam a relação atual entre a Igreja (sobretudo católica) e a cultura na sociedade moderna e lançam luz sobre o potencial da relação entre a Igreja e a cultura ou a cultura como locus da teologia, da homilética e da pastoral, da nova evangelização e da transmissão da fé, bem como do envolvimento cultural da Igreja como fator de ação diaconal da Igreja ou num contexto social ou político-cultural.

PREFÁCIO DO CARDEAL J.T. DE MENDONÇA

Há mais de cinquenta anos, o controverso intelectual italiano Pier Paolo Pasolini, reflectindo sobre a ideia de cultura, afirmou com uma lucidez implacável: "Nós, intelectuais, tendemos sempre a identificar a "cultura" com a nossa cultura: portanto, a moral com a nossa moral e a ideologia com a nossa ideologia. Isto significa que expressamos, com isso, um certo racismo irreprimível em relação àqueles que vivem, precisamente, outra cultura".

Recentemente, outros intelectuais puseram em evidência o binómio cultura-xenofobia, mostrando como, em certos círculos, certos termos foram substituídos pela palavra mais neutra "cultura", ocultando a intenção discriminatória subjacente. Hoje em dia, não se pode falar de "diferença racial", porque se seria esmagado por acusações de xenofobia, falase de "diferença cultural", não para afirmar a

MARIUS SCHWEMMER (HG.)

KulturDiakonie

CHANCEN FÜR EINE KIRCHE VON MORGEN



pluralidade e a riqueza da diversidade, mas para traçar fronteiras discriminatórias entre as pessoas: esta é a minha cultura, a minha tradição que é diferente da tua. A transição para a hierarquização das culturas, como antídoto para o alegado relativismo, é muito curta.

O Papa Francisco, no seu magistério, reafirmou repetidamente а igual dignidade de todas as culturas e a riqueza da diversidade simbolizada na figura do poliedro (Evangelii Gaudium) ilustrou claramente a dialética entre o local e o universal (Fratelli tutti 142-149): "O universal não deve ser o domínio homogéneo, uniforme e estandardizado de uma única forma cultural dominante, que acabará por perder as cores do poliedro e tornar-se repugnante" 144). Toda a encíclica Fratelli tutti é um hino à riqueza da diversidade e da igualdade (somos todos irmãos).

O binómio cultura-racismo pode ser rompido e substituído pelo binómio cultura-diaconia entendido num duplo sentido: o da cultura que se coloca ao serviço da promoção humana de todos, com especial atenção aos mais necessitados, e, por outro lado, o da diaconia como compromisso cultural, isto é, como cuidado da Igreja pela promoção da cultura, a sua proteção, a salvaguarda do seu património e o resgate da tradição cultural de cada povo.

As novas exigências pastorais obrigam-nos hoje a alargar este sentido diaconal, fazendo-o migrar de uma 'visão caritativa' para uma 'visão cultural', verificando como a diaconia alarga o sentido da cultura e a cultura alarga o sentido da diaconia. Mais concretamente, pensar a cultura numa perspetiva de diaconia implica ver a cultura não como um património elitista ou um argumento a favor de certas ideologias radicais, mas uma cultura "ao serviço" da humanidade: uma cultura capaz de traduzir os desejos do humano (GS 1), de questionar certos sistemas políticos e de minar o conformismo social contra todas as tentativas de desumanização do humano (FT 115).

No sentido inverso, pensar a diaconia a partir da cultura é alargá-la a todas as formas culturais, para uma cultura mais inclusiva e universal. A diaconia desestabiliza a "tentação de fazer uma cultura de muros" (FT 27), em favor de uma "cultura do encontro" (FT 30). Porque ninguém se salva sozinho, e a salvação do outro é também da minha responsabilidade.

Do binómio cultura-diaconia decorre um outro binómio indissolúvel que é o da cultura-educação: a cultura do encontro, da fraternidade universal, da paz, pode nascer de projectos educativos precisos. Para que haja uma mudança no mundo, o Papa Francisco tem dito repetidamente, a educação deve mudar. Para isso, o projeto do **Pacto Educativo Global**, que visa educar todos para a fraternidade universal, traça percursos "obrigatórios" que passam pela afirmação da centralidade da pessoa, do jovem, da mulher, da família, do outro, da sociedade e do ambiente.

A recente decisão do Pontífice de unir o Conselho Pontifício para a Cultura e a Congregação para a Educação Católica num único Dicastério para a Cultura e a Educação confirma também a inseparabilidade do binómio cultura-educação.

Outro binómio que, a nosso ver, procede, ou melhor, precede os dois anteriores, é o da cultura-racionalidade. No nosso contexto cultural marcado, entre outras crises, pela da racionalidade, o serviço diaconal da cultura deve consistir em reconduzir o homem à razão. Ao longo da história, a Igreja viu-se repetidamente obrigada a desempenhar o papel de defensora da racionalidade perante as várias tentativas de des-helenizar a fé, como recordou magistralmente Bento XVI no seu famoso discurso de Regensburg. Até Habermas, no seu diálogo de 2000 com o então Cardeal Ratzinger, reconheceu que "um ceticismo radical em relação à razão é certamente originalmente estranho à tradição católica".

Uma cultura que não é racional, e portanto irracional, não pode ser cultura. É por isso que é necessário recuperar a ideia de racionalidade alargada que está na base de todas as culturas. De facto, cada cultura possui a sua própria racionalidade que deve ser salvaguardada e valorizada, ao contrário do que muitas vezes se fez no passado em evangelizações forçadas que aniquilaram as culturas locais. No seu recente discurso por ocasião da entrega do "Pacto Educativo Africano" por uma delegação daquele continente, o Papa recordou que: "O cristianismo casa-se com o melhor de cada cultura e ajuda a purificar o que não é autenticamente humano e, portanto, nem sequer divino".

O convite a todas as culturas para se abrirem à "vastidão" da razão, que Bento XVI tinha lançado em Regensburg como a grande tarefa da universidade, é a tarefa que se expande para uma diaconia cultural que vela, por um lado, pela racionalidade de cada cultura e, por outro, pela racionalidade da razão, uma vez que muitas ideias de razão na era moderna e contemporânea são de facto irracionais. A tarefa de uma diaconia cultural será a de despertar o mundo para a razão e reavivar um pensamento forte que considere a verdade como condição da liberdade, porque um "pensamento fraco" nunca poderá ter acesso às razões da liberdade.

A diaconia cultural terá a missão de recordar ao homem a beleza que sempre lhe pertenceu: Deus não é apenas o supremo da razão, como Logos que está no princípio de tudo, mas é também o supremo da beleza, e se o homem que criou é "muito belo" é porque o fez à sua imagem e semelhança.

Cardeal José Tolentino de Mendonça Prefeito do Dicastério para a Cultura e Educação ■

Os membros do Conselho do OIEC escrevem ao Prefeito CARTAS AO PREFEITO DO DCE



No encontro do passado dia 6 de dezembro com o Conselho Geral da OIEC, o Cardeal J. Tolentino de Mendonça, Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação, convidou os presentes a escreverem uma carta em resposta a três questões que ele tinha colocado sobre a educação. Estas cartas foram recolhidas e publicadas num opúsculo. De seguida, apresentamos excertos das respostas às três perguntas.

1) Como é que vê a educação atualmente?

"A educação é, mais do que nunca, não só uma necessidade mas também uma emergência. Estamos convencidos de que a educação é uma das melhores formas de mudar o mundo. É por isso que é uma área que precisa de ser cuidada a nível pessoal, social e institucional; acima de tudo, devemos investir todos os recursos possíveis para otimizar e criar as necessárias para condições reinventar continuamente uma educação concebida de forma holística, no sentido em que devemos cultivar o conceito de pessoa integral e de educação na sua totalidade, para que seia ao mesmo tempo uma resposta para as crianças e jovens de hoje com vista ao futuro. Os jovens devem ser formados para viver o presente de forma positiva em relação aos outros e capacitados para enfrentar o futuro. Um dos instrumentos essenciais para o conseguir é a cooperação. Só se nos unirmos é que podemos fazer alguma coisa. Por isso, o Pacto Educativo Global faz todo o sentido no contexto atual" (Soeur Martha

2) O que é que recomenda? Quais seriam os desafios? Que necessidades identificou? O que é que seria importante para a Igreja transmitir no seu ensino?

(continua na página 8)

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO



Na manhã de 22 de março de 2024, realizou-se na Cúria Geral da Companhia de Jesus um Seminário de Formação para o pessoal do Dicastério para a Cultura e a Educação, dedicado às questões da Inteligência Artificial na cultura e na educação.

Após as saudações de boas-vindas do Cardeal Prefeito José Tolentino de Mendonça, teve início a primeira parte, coordenada por S. Exa. Monsenhor Paul Tighe, na qual foi feita uma introdução ao conhecimento das novas tecnologias baseadas na IA e às situações e tendências que se colocam às universidades e escolas. Nesta primeira parte, os oradores foram Jordan Wales. Professor Associado de Teologia no Hillsdale College e Noreen Herzfeld, Reuter Professor of Science and Religion na St. John's University e no College of St. Benedict (EUA). Na segunda parte, moderada por S.E. Mons. Cesare Giovanni Pagazzi, foi discutido o tema do futuro da educação no contexto da IA. Foram explorados os diferentes conceitos de inteligência e as implicações para a educação, centrando-se no futuro da educação em relação às transformações da IA e das tecnologias digitais. Interveio o Prof. Giuseppe Riva, Diretor do Laboratório de Tecnologia Humana Universidade Católica do Sacro Cuore (Milão). A terceira e última parte, moderada pelo P. Antonio Spadaro, tratou do tema "Uma narrativa cultural da transição digital". Reflectiu-se sobre o impacto da IA na perspetiva cultural mais ampla em que se inserem as instituições educativas. O orador foi Alessandro Baricco, escritor e intelectual, autor de vários romances e do ensaio "O jogo" sobre a evolução mundo digital. Após do apresentação, os participantes no seminário intervieram com perguntas e contributos.

A Inteligência Artificial é um dos temas de estudo das cinco áreas temáticas de investigação do **Pacto Educativo Global**, nomeadamente a área da Tecnologia, com especial incidência na sua aplicação no domínio da educação.

Deste seminário sobre a IA resultou que, apesar de algumas críticas inevitáveis encontradas na aplicação da IA no mundo da educação, a atitude da Igreja perante a revolução da IA é de abertura positiva. Não foi empreendida nenhuma cruzada estéril, como muitas vezes aconteceu no passado perante qualquer novidade, evitando assim repetir os erros cometidos com o anti-modernismo. De facto, o Papa Francisco, nos seus últimos discursos, convida-nos a "limpar o campo das leituras catastróficas" perante "a difusão acelerada de invenções maravilhosas", porque, em todo o caso, estamos perante "um salto qualitativo indiscutível".

De facto, existem várias vantagens na aplicação da IA na educação. A IA favorece uma educação mais personalizada, que tem em conta as necessidades de cada aluno, em oposição a uma educação estandardizada e única, concebida como um leito procrusto; permite ultrapassar os limites espaciais e temporais de uma educação que não se limita aos ambientes formais (escolas, universidades, centros de formação) e aos primeiros anos de vida; um tutor virtual pode também ser um apoio importante para o professor. uma vez que possui informações ilimitadas e autogeradoras. O ensino através da IA pode orgulhar-se de uma maior objetividade, uma vez que esta ferramenta não tem em conta os estados de espírito, o cansaço, as ideologias e os preconceitos dos professores, especialmente no momento da avaliação. Por último, mas não menos importante, a utilização da IA permite uma educação muito mais barata e, por conseguinte, mais democrática, que garante o acesso a uma educação de qualidade para todos e não apenas para a elite. A este respeito, quando estive em África, disse muitas vezes aos estudantes da minha universidade que a IA é uma revolução que favorece sobretudo os países mais pobres, porque todos os estudantes do mundo, desde a mais pequena escola até à mais importante 7

universidade, quando se sentarem à frente de um computador, encontrarão as mesmas oportunidades infinitas para uma educação de excelência para todos.

Também estamos convencidos de que a IA não pode substituir os professores, mas será certamente uma formidável ferramenta de apoio para eles.

Alessandro Baricco, antes de apresentar algumas ideias extraídas do seu ensaio "O jogo" sobre a "história" da evolução digital, disse que se tinha preparado para fazer uma espécie de apologia do mundo digital porque temia encontrar um fechamento à Inteligência Artificial no ambiente da igreja. No entanto, para seu espanto, teve de mudar de ideias quando se deparou com uma abertura inesperada em relação a ela. No seu discurso, Baricco propôs mudar o nome de "Inteligência Artificial" para "Inteligência Alargada" porque, na sua opinião, esta nova terminologia definiria melhor a sua natureza, que se estende a uma dimensão muito ampla da realidade.

Por minha parte, penso que o termo a mudar não é "artificial" mas sim "inteligência", porque aqui não estamos a falar de inteligência mas sim de uma máquina programada para fazer o que faz e que arranca e desliga com um botão quando o homem decide. Portanto, nem inteligência artificial nem inteligência alargada, mas apenas uma ferramenta para processar dados complexos, porque onde não há intencionalidade, compreensão, consciência, criatividade, não há inteligência. Se

um robô for programado para abraçar, beijar, acariciar, não podemos falar de "amor artificial", ou se for programado para falar de Deus, professar a fé, ir à missa, receber o batismo e talvez comportar-se muito melhor do que um cristão, não podemos falar de um "crente inteligente artificial". Do mesmo modo, se um robô for programado para processar dados e efetuar cálculos complexos, não podemos falar de "inteligência artificial", porque esta terminologia pode levar algumas pessoas a imaginar cenários distópicos de domínio das máquinas ou de perda de controlo por parte dos humanos. Então, o que é que lhe podemos chamar? Chamemos-lhe o que quisermos, mas não inteligência. Eu, por exemplo, prefiro chamarlhe 'Processamento Artificial' e este nome também parece agradar a ChatGPT que respondeu: "O termo 'processamento artificial' certamente refletir melhor a natureza das capacidades dos sistemas informáticos como eu. Este termo realça o processo pelo qual os computadores processam dados, instruções e algoritmos para efetuar tarefas específicas".

Esta é uma resposta inteligente, mas a pessoa que a deu não é inteligente, porque só respondeu ao que estava programado.

P. Ezio Lorenzo Bono, CSF Secretariado do Pacto Educativo Global ■

NOTA: A edição original do Journal está em italiano. Remetemos para esta em caso de eventuais imprecisões na traducão.

CARTAS AO PREFEITO DO DCE

(continuação da página 6)

"Acompanhar os avanços tecnológicos e integrá-los no sistema educativo é um grande desafio para nós. Isto deve-se ao facto de não termos acesso à tecnologia e à formação adequada para professores, alunos e estudantes" (Rev. Zephyrinus Yem Mbuh, SD).

"Acreditar na educação como um instrumento de mudança, como um ato de esperança. Devemos enfrentar o desafio do individualismo e da competitividade, optando por trabalhar em conjunto, partilhando talentos e bens. Tornar efetivo o **Pacto Educativo Global** lançado pela Igreja. Recuperar a espiritualidade da comunhão e da sinodalidade" (Soeur Martha Seide).

"A Igreja deve insistir na formação do homem integral em todas as suas dimensões, humana, intelectual, espiritual, relacional e ecológica. Deve insistir nos valores que encontram o seu sentido em Deus; insistir nas virtudes que tendem a desaparecer. Continuar a sensibilizar e a divulgar o **Pacto Educativo Global**" (Padre Didier Affolabi).

"Ensinar é uma tarefa colectiva. Viemos de um paradigma competitivo, fragmentado e individualista... Hoje, mais do que nunca, é necessário que os professores trabalhem de forma colaborativa, horizontal e verticalmente, dentro e fora da escola, em colaboração com outras escolas e outros grupos educativos e sociais. É urgente adquirir competências de colaboração, encorajar práticas de colaboração entre professores dentro das escolas e com outras escolas" (Irmão Juan Antonio Ojeda Ortiz).

"Desenvolvamos a felicidade na escola, façamos viver os seus projectos em ligação com o **Pacto Educativo Global** onde a pessoa está realmente no centro" (Hervé Lecomte).

3) Que outras questões devem ser consideradas para melhorar a educação católica na vossa região?

"Ter em conta a questão das novas tecnologias de informação e comunicação e das redes sociais em geral, no que diz respeito à sua correcta utilização para um uso útil e construtivo, virtuoso e responsável. Trabalhar constantemente para melhorar as condições de vida e de trabalho dos professores, sem esquecer a formação permanente no sentido dos valores e do espírito da Igreja' (Padre Didier Affolabi)".

"Mesmo que cheguem novas encomendas e pedidos, a escola mantém-se inalterada, com a mesma estrutura de sempre. É verdade que há novas tecnologias e metodologias renovadas nas salas de aula, mas as profundas transformações dos últimos tempos ainda não entraram no ecossistema escolar. ... Ajustes e mudanças estão a ser feitos, mas hoje o formato da escola está no limite das suas possibilidades de melhoria. Mudar algumas coisas não vai conseguir renovar o conceito central da educação. A mudança deve ser necessariamente sistémica e participativa" Francisco Varela Borrazàs).